

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara

DATA: 03/12/1957 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: A Mostra Brasileira em Lima

ASSUNTO: Ivan participa (com outros) da Mostra Brasileira em Lima.

3-12-1957 C. M. 1.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

O presidente do Peru fala ao "Itinerário"

Entrevista exclusiva -- e única -- concedida pelo dr. Manuel Prado
— Uma grande mostra peruana para Paris e, talvez, o Brasil



O presidente Manuel Prado, com o chanceler Macedo Soares, o chanceler e ministros do governo peruano, embaixadores e intelectuais contemplam uma das esculturas de Maria Martins na sala de entrada da exposição brasileira

LIMA (De Jayme Maurício, enviado especial) — Uma carta de Maria Martins abriu-nos francamente as portas do palácio do governo do Peru, levando-nos, com espantosa rapidez e informalismo, a uma entrevista com o presidente da República, dr. Manuel Prado. O chefe do governo peruano é um homem de estatura mediana, vestido à inglesa, tranqüilo e afável, de porte e maneiras aristocráticos e um todo de homem do grand-monde. Esperávamos algo queimado, forte, militarizado, cenho carregado e arrogância, como convém ou melhor, como nos acostumamos a ver na maioria das repúblicas sul-americanas. Somente depois vimos a saber da situação especial dêsse sereno e delicado presidente: é filho de uma das mais importantes, poderosas e tradicionais famílias das costas do Pacífico, dono de uma das mais poderosas fortunas, de uma das mais preciosas coleções de arte, descendente de homens que ilustraram a história do Peru com feitos gloriosos e freqüentador assíduo das grandes capitais.

No primeiro contato, o presidente desde logo indaga por Maria Martins, sua saúde, sua família, o embaixador Carlos Martins Pereira de Souza, suas filhas e sobre as esculturas de Maria, se continuava trabalhando e expondo. Ficou satisfeito ao saber que na mostra havia trabalhos de sua amiga brasileira e recomendou que, na inauguração, mostrássemos os trabalhos da escultora, junto aos quais gostaria de ser fotografado. Depois, lendo a carta que Maria lhe enviara, virou-se para o repórter e, comentando nossas atividades artísticas, disse que estava à disposição do Correio da Manhã e seu representante. Sabendo do nosso interesse por Cuzco e Machu Pichu, deu instruções para que tudo fosse facilitado e, abrindo uma exceção, dispôs-se a conceder-nos uma entrevista exclusiva.

A MOSTRA BRASILEIRA EM LIMA

LIMA — (De Jayme Maurício, enviado especial) — Os leitores do Itinerário já estarão bem a par da exposição de arte contemporânea brasileira que há meses vem percorrendo a América Espanhola e que foi organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio e Itamarati. Sobre ela escrevemos quando da sua organização, da seleção do professor Flexa Ribeiro, da sua apresentação em Buenos Aires, em Rosário, em Santiago, e sobre os pronunciamentos críticos recebidos. O que vamos relatar agora, portanto, será apenas sobre a sua apresentação em Lima, Peru.

O local escolhido foi o Museu de Arte, imensa construção situada no Paseo Colon, um parque magnífico, cercado de largas avenidas, projetado por Eýfell — o da torre parisiense — e há muitos anos abandonado. Reparos recentes, para a exposição francesa, suavizaram muito o abandono e, embora não esteja reconstruído de todo, foi muito bem preparado para a apresentação da exposição dos brasileiros.

Situada no 2.º andar, para o qual sobe-se por uma larga e bela escadaria atapetada, a exposição ocupa cinco grandes salões e umas três salas anexas. O fundo escolhido é claro, amplo e sem elementos de interferência que pudessem perturbar a visão. A iluminação, que não havia sido tecnicamente adequada, de cima ou direta, foi bem resolvida através da colocação de centenas de focos a uns 50 centí-

metros do solo, num espaço de uns 20 centímetros entre cada foco de luz intensa, resultando para cada quadro aproximadamente uns cinco ou seis focos. Talvez se pudesse dizer que havia luz em demasia, quase uma feerie, contrário a certa técnica de iluminação museográfica ou desejada pelos artistas e conservadores. O resultado, porém, foi notável: toda a intensidade pictórica das telas foi exaltada ao limite máximo. A amplitude das salas, o generoso espaço para cada artista, a limpeza e a ordem alcançadas, e a bela iluminação, e teve a mostra brasileira em Lima o melhor local, o maior aplomb e charme de toda a sua apresentação, superior, inclusive, ao excelente local de Buenos Aires.

A escadaria conduz, inicialmente, à sala de gravuras e desenhos, com um imenso trainel circular e cruzado no centro, com desenhos pelas paredes e gravuras nos trainéis. Ao lado, numa sala pequena, esculturas de Franz Vaissmann (prêmio nacional da Bienal) com desenhos de Lothar Charoux. A sala seguinte, foi dedicada a Anita Malfatti, Tarsila, Maria Martins e Bruno Giorgi. Segue-se depois a sala de figurativos, com Pancetti, Guignard, Marcier, Iberê, Santa Rosa, Zelia Salgado, Yolanda Mohalyi, Clóvis Graciano, Scheaffer, Felícia Leirner e outros. A sala seguinte foi dedicada aos chamados três grandes, na parede de frente a representação de Emília-

ricas, assim falou o chefe do governo peruano:

— A Exposição Francesa de Lima foi uma expressiva mensagem da cultura e da técnica dessa grande nação. Abriu novas perspectivas para o esforço construtivo e a realização progressista, ao mesmo tempo que renovou e fortaleceu os vínculos espirituais que ligam a França e o Peru desde há muitos anos, e que agora encontram canais de efetivo aperfeiçoamento através da relação constante entre os homens de pensamento e de direção, num comum propósito de intensificação. Já em consequência do referido certame tivemos a satisfação de receber a visita de personalidades destacadas da ciência, da literatura, das artes, da imprensa e da política francesas.

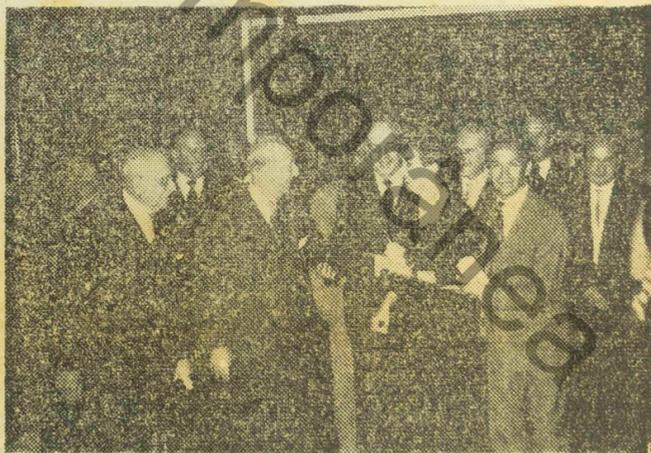
— E sobre a exposição peruana para enviar a Paris em maio de 1958?

— Está sendo estudada com o sentido de uma cordial resposta à que a França apresentou em nossa capital. Os temas apontados para os organizadores são, em parte, para dar a conhecer o processo da evolução cultural do Peru ao largo de mais de trinta séculos, e, por outra para orientar o interesse até os campos mais propícios da técnica industrial e da inversão financeira.

Ponderamos ao presidente Prado que o Brasil levando ao Peru a mais ampla e completa mostra de arte jamais enviada ao exterior, merecia também, como a França, algo semelhante em resposta, talvez a própria mostra que se preparava para Paris. O presidente responde:

— É com o maior interesse que vou considerar essa possibilidade.

(Aí fica a deixa para o Itamarati, para os Ministérios da Educação e Fazenda, também).



Em meio à alegria geral, pedimos ao chefe do governo peruano uma foto com Tuni Murtinho, que deu à mostra brasileira todo o seu esforço, conseguindo resultados magníficos. O dr. Manuel Prado e o ministro Macedo Soares cumprimentaram e felicitaram a discreta Tuni, que afinal recebeu condecoração oficial pelo seu trabalho

no Di Cavalcanti, do lado direito a de Lasar Segall e do lado esquerdo a de Cândido Portinari. Adiante a sala dos abstratos com Krajcberg, Saldanha, Dacosta, Leontina, Cicero Dias, Bandeira, Becker, Inimá, Raymond, Ione Saldanha, Andrés, Camargo, etc. Na outra sala, ao lado, a sala dos chamados concretos — no Peru, geométricos — com Volpi, Serpa, Clark, Flexor, Carvão, Décio Vieira, Flaminghi, Nogueira, Silésio e outros. Na última sala, os primitivos: Djanira, Heitor dos Prazeres, Déa Campos Lemos, João José da Silva.

Ao lado desta última sala, foi improvisada uma pequena sala de projeção cinematográfica, onde, no horário da mostra — 18 às 21 horas — são projetados filmes sobre a arte brasileira, arquitetura e outros aspectos da cultura do país. O catálogo da exposição, com feita documentação fotográfica, bibliográfica dos artistas, traz, no seu elegante feitiço gráfico, uma inteligente apresentação do embaixador brasileiro Orlando Leite Ribeiro, um trabalho do ministro da Educação do Peru, sr. Jorge Basadre — que viveu no Brasil — o texto do professor Flexa Ribeiro sobre o movimento moderno brasileiro, algumas palavras do embaixador Maurício Nabuco, presidente do Museu de Arte Moderna, e está sendo vendido em benefício de uma instituição de caridade peruana.

Daremos, noutra crônica, o relato da inauguração, que foi soleníssima, por exigência do chefe do governo peruano.